

LITERATURA
INFANTO JUVENIL



UnB



PEDAGOGIA DA SAUDADE

O conto da infância negada

Erika Stella Silva Menezes

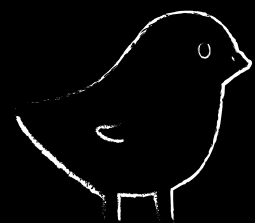




PEDAGOGIA DA SAUDADE

O conto da infância negada

Erika Stella Silva Menezes



Universidade de Brasília – UnB

Reitora Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor Enrique Huelva

Decano de Pós-Graduação Lucio Remuzat Rennó Junior

Decana de Pesquisa e Inovação Maria Emília Machado Telles Walter

Conselho Editorial

Coordenadora do LaSUS-FAU Marta Adriana Bustos Romero

Diagramação e projeto gráfico Isabella Capanema

Revisão textual Renata Monteiro Rodrigues

Conselho editorial Afonso Wesley De Medeiros Santos

 Lourenco Silva Teixeira

 Mara Rubia Rodrigues Da Cruz

 Taize Carvalho Santos

 Valmor Cerqueira Pazos

Editor Valmor Cerqueira Pazos

Autora Erika Stella Silva Menezes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Menezes, Erika Stella Silva

 Pedagogia da saudade [livro eletrônico]: o conto da infância negada / Erika Stella Silva Menezes; ilustração Isabella Capanema – Brasília, DF: LaSUS FAU ; Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2022.

 PDF

 Bibliografia.

 ISBN 978-65-84854-08-6

 1. Contos – Literatura infantojuvenil I. Pazos, Valmor. II. Título.

22-128623

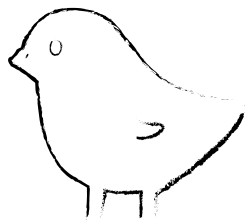
CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5

2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380



Ao Raviv,

meu epítome inspirador. Mamãe continuará movendo o mundo para te ver sorrir e colorindo os nossos dias com histórias de amor e superação.

Te amo.

Menina dos olhos de jabuticaba,
Teus sonhos ganham vida quando você sorri.
O mundo talvez não seja tão doce como as frutas que você arranca do pé,
Mas os seus dias serão longos para corrigir o sabor amargo da vida.

Você ainda vai gargalhar tanto que as tristezas serão esquecidas.

O mundo será um pouco mais justo com você!
Mas não desista de sonhar.
Os sonhos vão colorindo essa estrada preto e branco,
Evite olhar para trás.
Lá na frente tem mais coisas bonitas. Apenas caminhe.

Lucrécia fazia um esforço enorme pra chegar antes do portão da escola fechar. Mas nem sempre conseguia.

Chinelo arrebitado, cabelo esvoaçado e suor pingando na testa. Saía de casa carregando sua sacolinha de livros pendurada no pescoço. Ouvia sempre sua mãe cochichando com seu pai:

- Não sei por que ela não desiste, coitada. Ninguém na família aprendeu a ler.

Seu pai vagorosamente respondia:

- Ela é forte Valdinéia, é raçuda como o pai, pode não aprender, mas vai tentar até cansar.

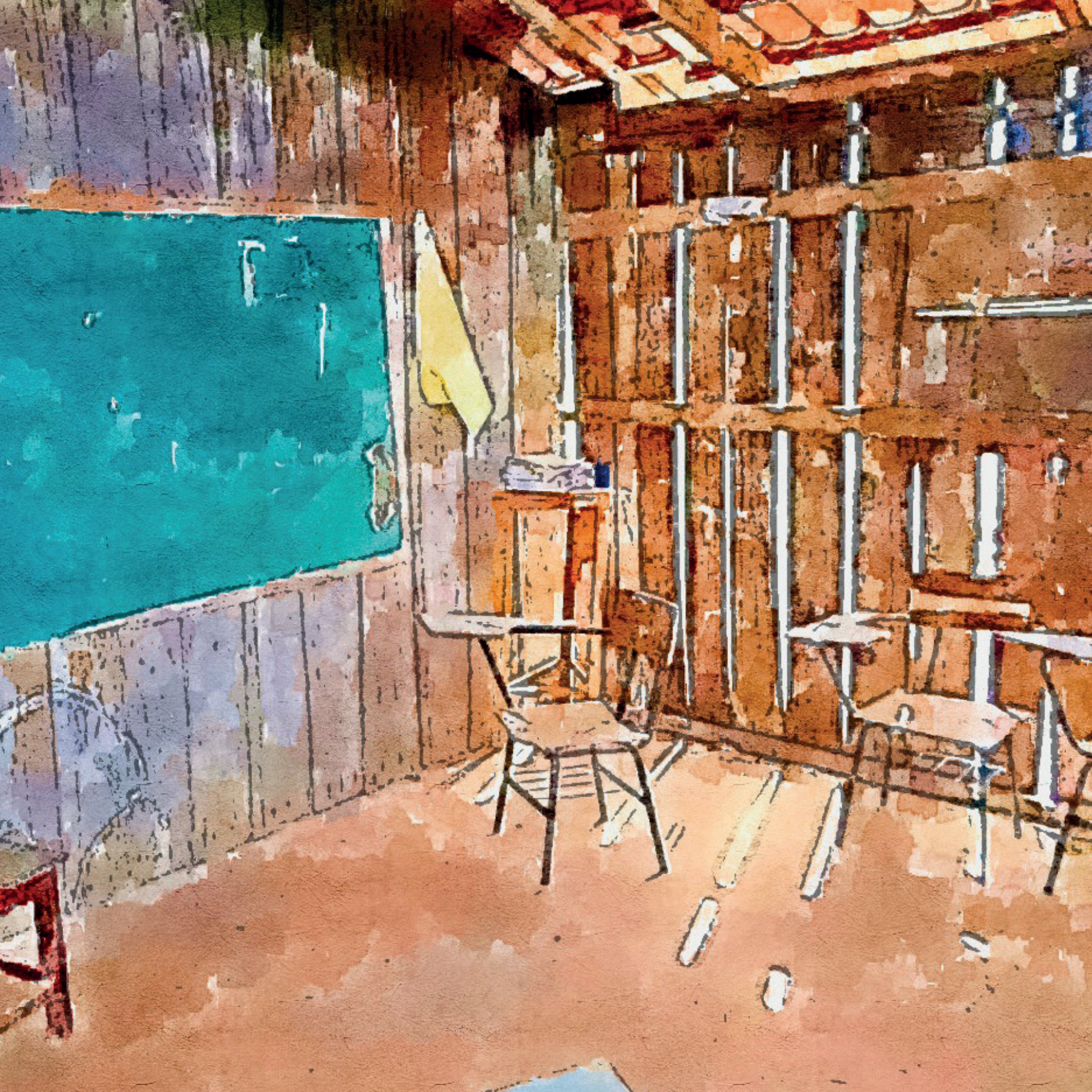
Mal sabia Lucrécia, dos planos já traçados para seu futuro.

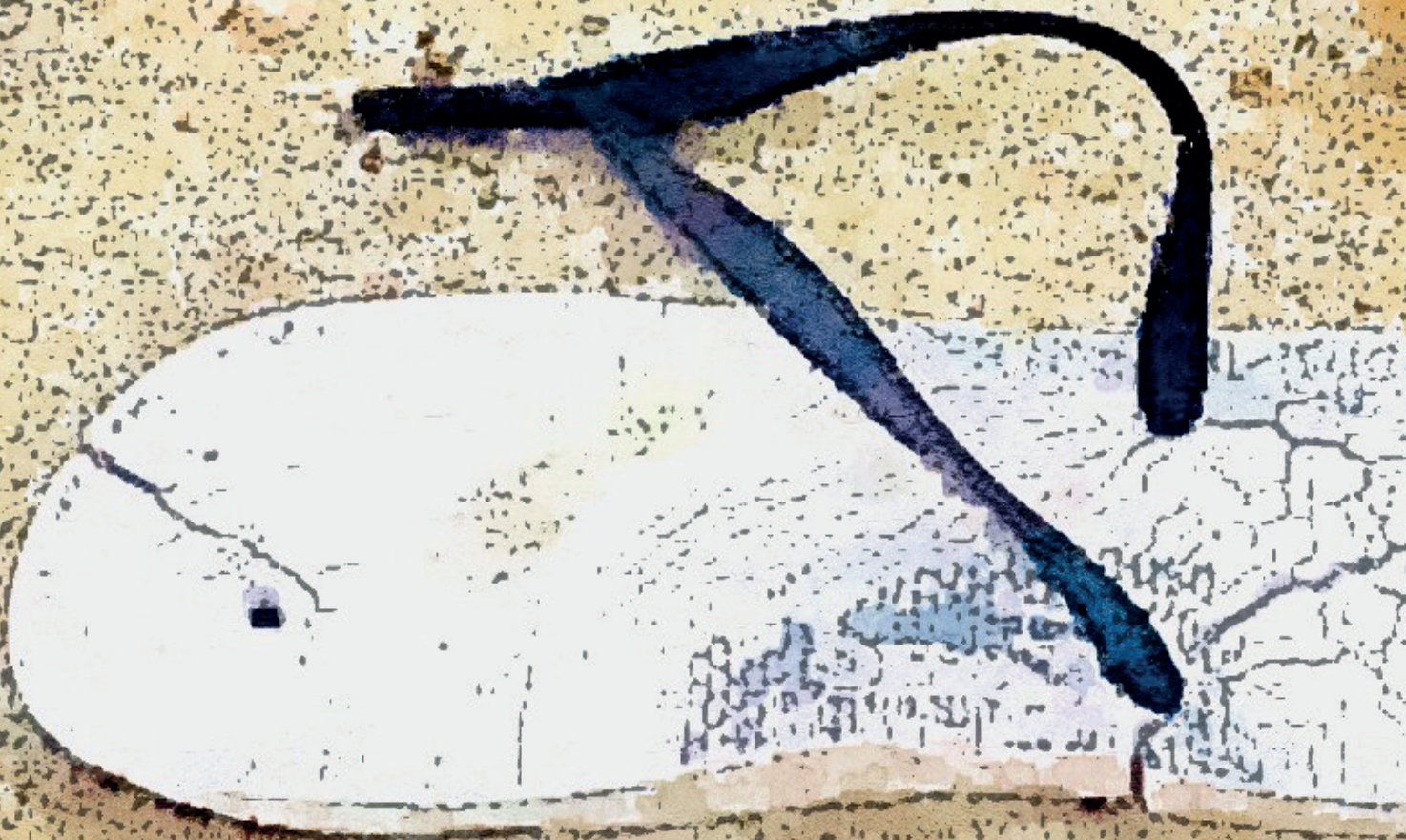
Descia ladeira, subia ladeira, andava seus 6 km todos os dias debaixo de sol quente e não era um simples sol. Era um 'sol para cada um' porque o calor era tanto que dava para fritar um ovo na pista.

Todo o esforço da Lucrécia era para chegar na escola da comunidade. A escolinha era simples; um portãozinho de madeira, o quintal enorme e uma barracão grande ao fundo, com sete mesinhas e uma enorme vontade de aprender. Para Lucrécia, parecia um castelo, era um verdadeiro templo sagrado.

A professora, Maria da Conceição, já avistava Lucrécia pelos buracos do barracão saltando o portão desesperada para chegar e não perder nenhum pedacinho da aula.









- Sem chinelos novamente, Lucrécia!?

Lucrécia respondia de cabeça baixa:

- Arreventou no caminho, está na sacola. Se a senhora quiser, pode olhar. Prometo que vou pedir pra painho colocar um prego ainda hoje.

A aula começava e logo Lucrécia estava com seu sorriso enorme aberto, olho fixo no chão, local em que a professora escrevia com sabedoria as primeiras letras que Lucrécia gravou na memória. Ficaram escrevendo no chão por um longo período até ganharem um quadro de presente do prefeito da comunidade.

Estar no barracão aprendendo era melhor do que subir nas árvores que gostava, do que brincar de polícia e ladrão e tocar a campainha dos moradores do centro da cidade e sair correndo. Ali sua alma se libertava; ouvindo a professora Maria da Conceição e aprendendo coisas novas. Não cansava de olhar e às vezes tinha até vontade de sacudir a professora pra ver se saía mais alguma coisa pra ela aprender. Era muita ansiedade ao terminar a aula. Quando estivesse do tamanho da Maria da Conceição queria ser como ela, fazer esse milagre de falar tantas coisas inteligentes e ensinar com amor. Ela era tão bonita que Lucrécia até sonhava durante a noite.

Todos os seus sonhos eram lindos. Neles não faltava comida e seus irmãos não precisavam ser trocados por cesta básica, como aconteceu com sua irmã mais velha que nunca mais voltou depois de entrar em uma Kombi. Nos sonhos não havia necessidade de sofrer para chegar à escola, debaixo de sol e chuvas fortes. Outro dia até de um homem precisou correr, ele a seguiu em seu trajeto até a escola. No exato dia, ela correu até perder ele de vista e o viu

passando embaixo da árvore que conseguiu se esconder.

Os sonhos coloriam sua imaginação porque não tinha a presença dos gritos de seu pai com a sua mãe, nem as lembranças de sua irmã entrando na Kombi, sendo carregada por dois desconhecidos. E o que era bem melhor: ela tinha chinelos novos para chegar à escola. A terra estava quente naqueles dias e andar sem chinelos dava muitas bolhas em seus pés.

A Maria da Conceição era demasiadamente bonita. Cabelos cacheados, curtos, escuros. Às vezes soltos e também com tranças, ficava linda de qualquer jeito. Não era tão alta, mas tinha lindos olhos verdes encantadores pelos quais Lucrécia sempre foi apaixonada. Verde limão e Lucrécia amava limões.

- Hummm...

- Algum problema Lucrécia?

A professora observava Lucrécia com a atividade em mãos, mas com o pensamento bem distante.

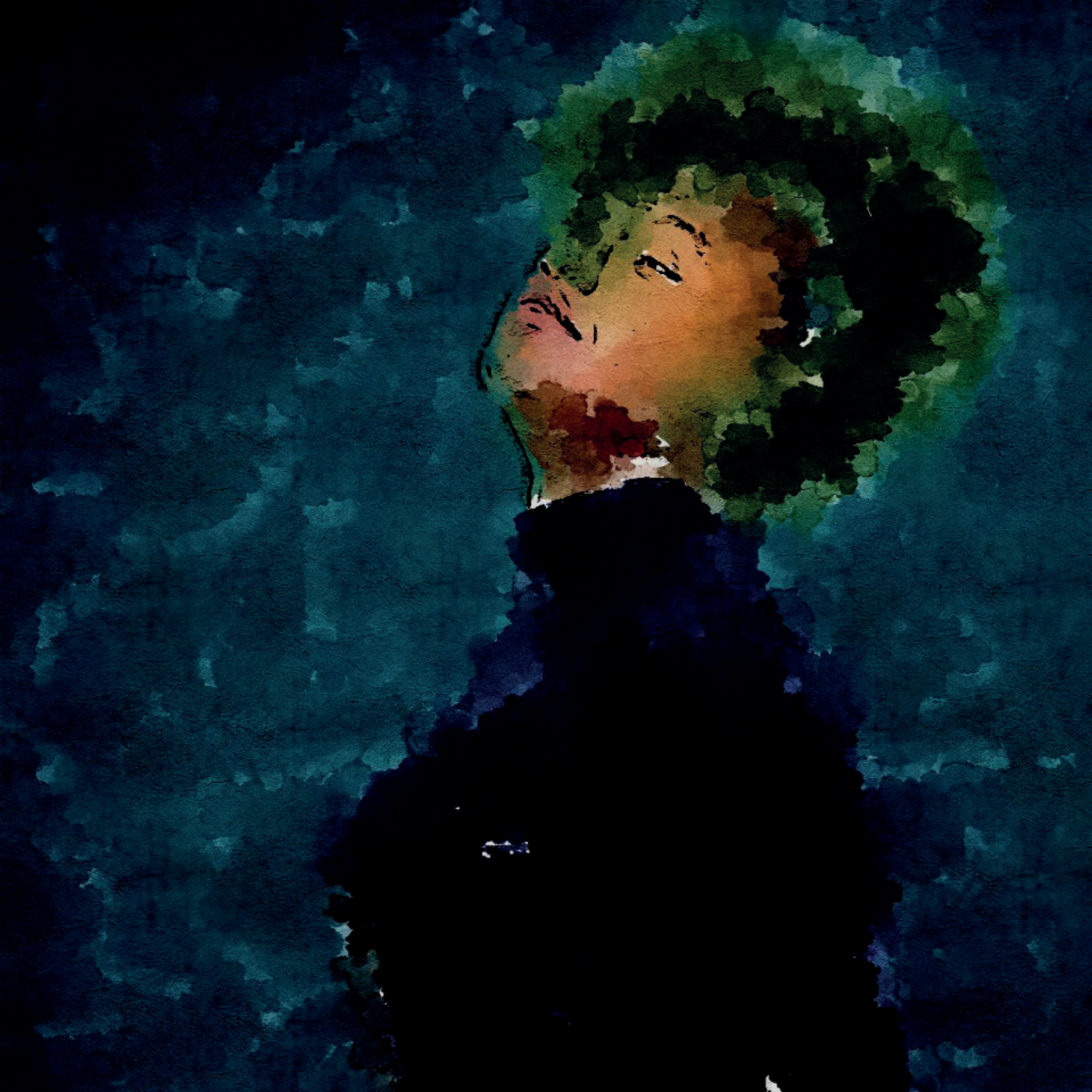
- Não, professora.

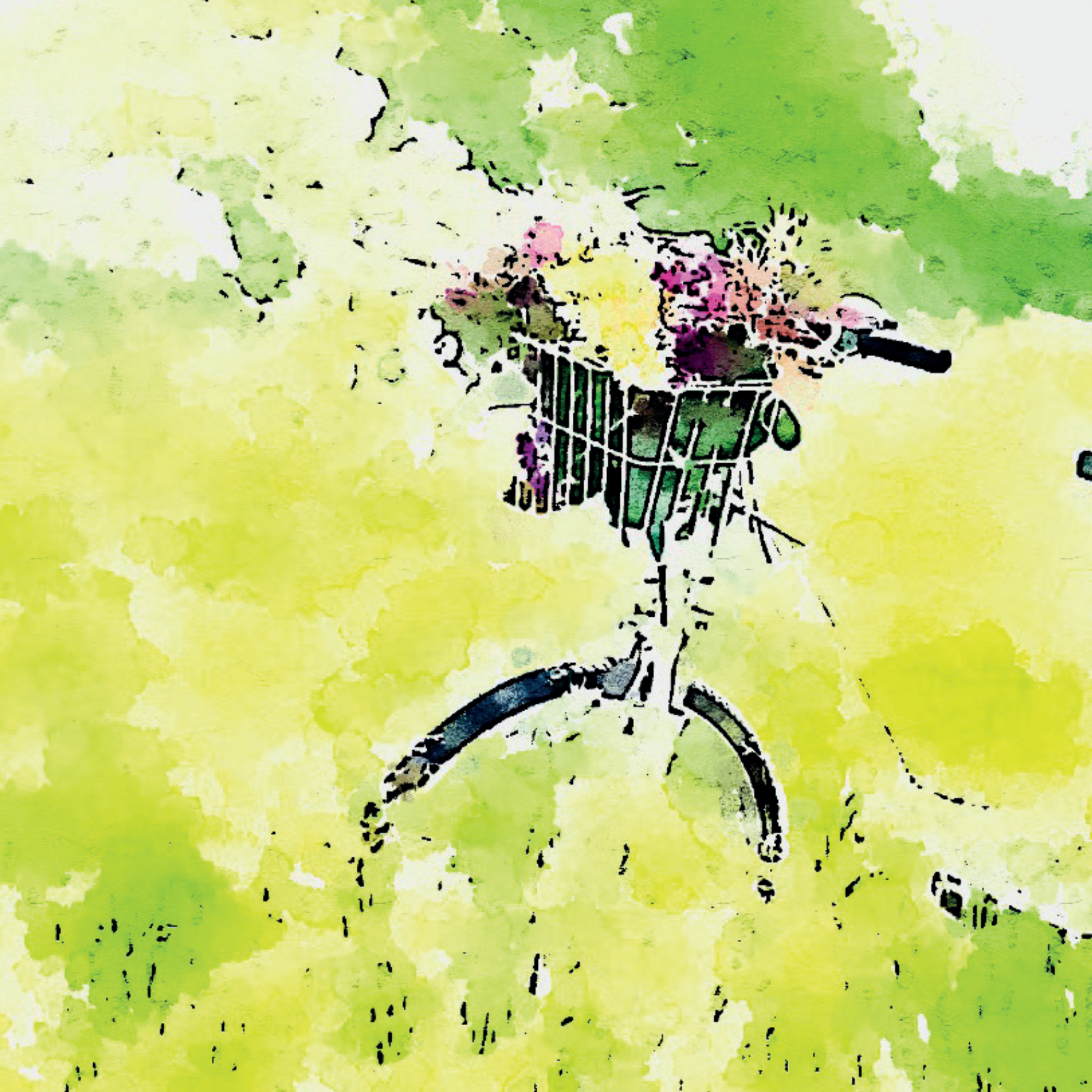
E sorriu, ao lembrar-se da comparação dos olhos de Maria da Conceição com os limões que gostava.

No final da aula, Lucrécia correu na sacola para pegar o desenho que havia feito para a professora. Enfeitou a cartinha com pedacinhos de folhas secas de sua árvore preferida: o pé de Jamelão. Frutinha que gostava de comer com sal, bem azedinha. A folha de papel estava toda roxa, cheia de folhas coladas, mas foi recebida por um olhar muito feliz de Conceição, que tinha Lucrécia como uma menina muito querida e resiliente.

- Lucrécia! Eu e seus amigos temos um presente pra você, está lá fora.

Todos caminharam com Lucrécia até a porta do barracão, então ela pôde ver uma bicicleta. Seu







coração não cabia dentro do peito. Uma bicicleta! Era a realização de seu sonho. Agora não chegaria atrasada na aula todos os dias. Abraçou todos e foi feliz da vida pra sua casa, caindo e levantando de sua bicicleta nova.

A casa de Lucrécia era simples. Uma casa de madeira em um vilarejo repleto de casinhas parecidas. O telhado era alaranjado e quando chovia, inundava tudo. Durante uma das inundações, algumas sanguessugas chegaram a grudar nas pernas de Lucrécia e das irmãs, que teve os peçonhentos arrancados por sua mãe. Lucrécia dividia o quarto com suas irmãs. Não tinham cama, eram colchões de palha, no chão.

O fogão de casa era à lenha e não tinham vaso sanitário. Sempre que precisavam ir ao banheiro, procuravam um local próximo de casa para fazer as necessidades. Não tinha televisão, apenas som; um pequeno rádio que sua mãe guardava na cozinha para ouvir enquanto preparava as refeições, que eram feitas sentadas no chão de barro batido.

Na casa de Lucrécia, sua mãe chorava triste no quarto, seria mais uma filha a ir embora, seria mais uma filha que a família precisaria vender para conseguir comida e sustento por alguns meses.

Lucrécia pedalava contente, bem rápido pra chegar em casa e contar pra todo mundo sobre seu presente.

Ao chegar um susto, notou uma Kombi velha no quintal e um homem conversando com seu pai. Passou por eles e

entrou em casa, procurando sua mãe, que logo enxugou as lágrimas ao vê-la.

- Minha filha, que bom que chegou. Seu pai está te esperando lá fora.

Com toda a sabedoria que seus 10 anos havia lhe proporcionado, ao ver toda aquela situação estranha, a solução era correr e fugir. Já havia entendido tudo que estava acontecendo. Foi daquela forma que sua irmã Maricleusa sumiu e nunca mais voltara pra casa.

A Kombi estacionada e o homem conversando com seu pai evidenciavam uma situação estranha. Então Lucrecia começou a correr desesperadamente. Infelizmente seu pai a alcançou e a colocou dentro da Kombi sem ao menos olhar em seus olhos. Lucrecia esmurrava a porta da Kombi e gritava desesperadamente para sair. Perdeu as forças quando viu seu pai recebendo uma cesta básica e dinheiro das mãos do homem estranho. Foi a última coisa que conseguiu ver.

Enquanto a Kombi seguia estrada, passando pelos muitos buracos da comunidade, Lucrecia seguiu abraçada aos joelhos com o coração partido. Era uma dor que não cabia dentro de seu peito. Chorava e pedia a Deus proteção como a professora Conceição ensinava todos os dias.

- Papai do céu me proteja da maldade dos homens.

- Cala essa boca menina. Se Deus cuidasse de você não estaria sendo vendida pelo seu pai.

A fala daquele homem foi um golpe e Lucrecia não conteve o choro.

Ela não sabia como seria sua vida dali em diante e muitas cenas passavam em sua cabeça. A professora Conceição lhe entregando sua bicicleta, seu chinelo quebrando no caminho para a escola, todas as vezes que precisou pular o portão do barracão e entrar depois do horário que a Conceição tocava o sino. Quem amparava as lágrimas de Lucrecia agora era a Pedagogia da Saudade e os momentos tão felizes que viveu no barracão com seus amigos e Conceição, a grande 'dona do saber'.

Tudo era saudade e tristeza. Aquele nó no peito não passava, continuava lá, entalado. Foi levada

por aquele homem que nunca soube o nome, a uma família muito estranha. Foi entregue como mercadoria e chegou para servir, limpar e cozinhar. Não tinha direito de falar nada, afinal, eles haviam comprado seus direitos e também sua felicidade. Trabalhava duramente todos os dias sem parar, sem hora de descanso. Limpava, passava, cozinhava e não podia comer na mesa junto com a família. Eles a olhavam com pena e esse era o pior de todos os olhares que Lucrecia se recordava de ter recebido na vida.

A casa era grande e toda cercada. Lucrecia estava proibida de sair no quintal. Os dias ali não passavam, eram longos, repletos de serviço, tristeza e saudade. Teve seus sonhos arrancados, sua alegria vendida em troca de comida. Teve sua infância negada. Tinha o mesmo valor de um feijão no prato ou um simples ovo frito. Jamais conseguiria voltar para casa, fariam a mesma coisa assim que a fome apertasse.

Certo dia cedinho, quando todos ainda dormiam, Lucrecia acordou e fez um banquete para ela. Tinha muita vontade de comer naquela mesa enorme da família, sentada, como todos faziam após ela servir. Estava cansada de comer os restos. Colocou pão, frutas, leite e muitos biscoitos em um prato e se sentou à mesa. Um momento de felicidade em meio aquele tormento todo.

- Que alívio, que sensação boa.

Ao colocar o copo na boca ouviu um grito que lhe fez soltar o copo no chão. Era a Mafalda, a sua patroa. Ela ficou muito brava e a trancou em um quarto escuro durante alguns dias, tantos que Lucrecia perdeu as contas. De vez em quando alguém ia lá colocar água e comida, mas ela não queria mais comer. Estava apodrecendo aos poucos, sufocada em tanta tristeza que invadia seu coração. Adormeceu e sonhou com um trem.

O trem era muito grande e estava indo em direção à comunidade. Dentro dele, ela sentada com sua sacola de livros, sua borracha e seu lápis. Sua bicicleta não estava lá. Então o trem parou e um homem muito grande entrou, carregando sua bicicleta.

- Ei, essa bicicleta é minha, gritou Lucrecia.

Sentiu um balde de água fria em cima de seu corpo e então acordou.

- Pare de gritar sua louca!

Disse Mafalda nervosa, olhando para aquela pobre menina negra de cabelos enrolados. Magra, alta, embora frágil, aflita e que poderia ser sua filha. Suas roupas estavam sujas, Mafalda podia sentir o cheiro ruim de longe.

- Eu quero ir embora tia Mafalda, por favor.

- Ir embora para que lugar? Seus pais te trocaram por comida, crioula.

Respondeu Mafalda olhando fixamente para ela.

- Eu tenho a minha professora Maria.

- A pedagoga do Vilarejo Nossa Senhora de Fátima? Duvido que ela queira você na casa dela. As coisas estão difíceis menina. O salário dessa professorinha não dá para ela comer direito, imagine te sustentar!

- Eu sinto saudade das aulas, dos meus amigos, da Maria, da minha bicicleta, disse Lucrecia soluçando.

Mafalda se retirou do quartinho, trancando a porta.

Lucrecia abraçou os joelhos no cantinho do quarto. Era uma forma confortável de proteger seu corpo sempre que estava com medo. Ela só queria entender o porquê de tudo aquilo. Tudo bem que sua família era extremamente pobre, mas não acreditava na necessidade de trocar filhos por comida. Nessa história ela já era a terceira a ser vendida. A primeira foi sua irmã que nem chegou a conhecer, a segunda foi Maricleusa, sua companheira de estrada para ir à escola. Foi uma despedida muito triste porque ela se descabelava no momento de entrar na Kombi, chegou a cair e depois chutar o homem que dirigia o carro, mas nada mudou e ele a levou.

Ninguém entendia nada, seus pais não explicavam e a casa ficava estranha durante alguns dias,



mas a comida farta aparecia depois do sumiço e todos comiam bem. O detalhe triste é que comida acaba, o amor não. A saudade apertava, mas já era tarde, ninguém sabia que rumo tinha tomado suas irmãs.

A ideia de ser trocada por comida não entrava no coração de Lucrecia, nada justificava uma atitude tão covarde de seu pai. Depois de ter visto a cena de Maricleusa, nunca mais conseguiu olhar nos olhos de seu pai, sempre desviava o olhar.

Seu pai era um homem duro, que falava pouco e nas poucas palavras era sempre um agressor. Nada fazia ele rir ou comemorar, estava sempre tenso, distante e preocupado com o que comer. Não parecia ter coração. Aquilo tornava a casa fria, todos amedrontados, distantes, sem fé. Ninguém ali se comunicava, abraçava ou até mesmo contava as coisas, ninguém compartilhava nada. De manhã Lucrecia estudava e a tarde trabalhava no pasto, ajudando o pai que só dava as coordenadas.

Alguns dias naquele quarto fizeram Lucrecia sonhar. Passou a mão pelo quarto pra ver se achava pedaço de alguma coisa, então alcançou algo, era um pedacinho de caco de vidro. Com ele começou a riscar as paredes, no escuro mesmo, apenas fazendo uso da imaginação. Desenhou tudo que queria ver quando saísse dali.

Primeiro fez o sol, porque queria muita luz depois de tantos dias no caos, sem luz nenhuma. Não podia enxergar nem suas mãos naquele escuro todo. O sol saiu meio fora de forma talvez, o escuro não ajudava, mas Lucrecia imaginava ele bem amarelo. Então fez árvores e flores para combinar com aquele sol tão lindo. Depois fez sua bicicleta, encostada na árvore, para subir e pedalar pelo mundo quando conseguisse fugir daquele quarto escuro. Estava tudo perfeito, mas ela estava sozinha admirando todo aquele paraíso, era muita natureza para ela ficar sozinha. Então desenhou o barracão e todos os seus amigos lá dentro, inclusive Conceição, a dona do saber.

Pegou no sono novamente, até ouvir uma discussão atrás da porta, ouviu seu quarto sendo destrancado e fingiu estar dormindo.

Após o barulho do carro ligando o silêncio tomou conta do lugar.

Já não suportava mais aquele escuro e o calor que fazia ali, o chão duro, a fome. Naquele cubículo fazia suas necessidades e dormia. Decidiu gritar. Então gritou uma, duas, três, quatro vezes. Ninguém respondia. Saiu do quarto já destrancado corajosamente.

Respirou fundo e caminhou pela casa que estava trancada. Testou a porta dos fundos, a porta da frente e então resolveu saltar pela janela. Era um pouco alta, mas era a única forma de sair dali.

- Coragem Lucrecia, falou baixinho ao pular.

A caminhada começou ali mesmo. Dona de seu próprio destino Lucrecia saiu daquela casa com a roupa do corpo e bem fraquinha de tanta fome. Já estava há alguns dias sem comer direito, presa no quartinho escuro. Mas não arriscou em pegar nada para comer, só queria fugir.

Tudo era luz agora. Parou de caminhar um pouco para sentir o sol batendo em seu rosto. A vida sorriu de volta. Mal sabia que lugar era aquele, sabia apenas que queria chegar na Conceição e isso a deixava forte para seguir caminhada.

Depois de andar alguns quilômetros, avistou uma carroça. Teve medo, mas resolveu acenar para aquele senhor barbudo, como nas histórias de papai noel.

- Ei tio, me ajude. Por favor. Tenho fome e queria chegar no barracão. Preciso falar com Conceição.

Conceição já não dava aula há uma semana no barracão, estavam todos de luto. Escreveu na frente da parede mal rebocada: 'barracão de luto'. Mas não estava acreditando na história do pai de Lucrecia, de que ela havia morrido.

Quando retomaram as aulas, tudo era tristeza. Não tinha alegria, risadas, faltava alguma coisa ali. Não tinha mais aquela mocinha com chinelos de dedo cheios de poeira, apressada e ralada de tanto saltar o portão da escola. Aquele sorriso branco, enorme ao ouvir as primeiras palavras do dia e sua enorme vontade de escrever as primeiras letrinhas do nome no chão do barracão.

Lucrécia era a filha dos sonhos de Conceição, que sempre quis pegar ela para cuidar, mas nunca teve coragem de pedir para a família. Fechou os olhos para lembrar-se de Lucrécia toda feliz ao receber a bicicleta. Recordou dos olhinhos cheio de lágrimas, a felicidade de saber que não chegaria mais atrasada na sua aula. Era muito duro lembrar, seu peito doía ao saber que nem para o enterro a família a chamou. Não podia acreditar que ela havia morrido. Quando recebeu a notícia pelo pai de Lucrécia, suas pernas tremeram e ela mal conseguia respirar.

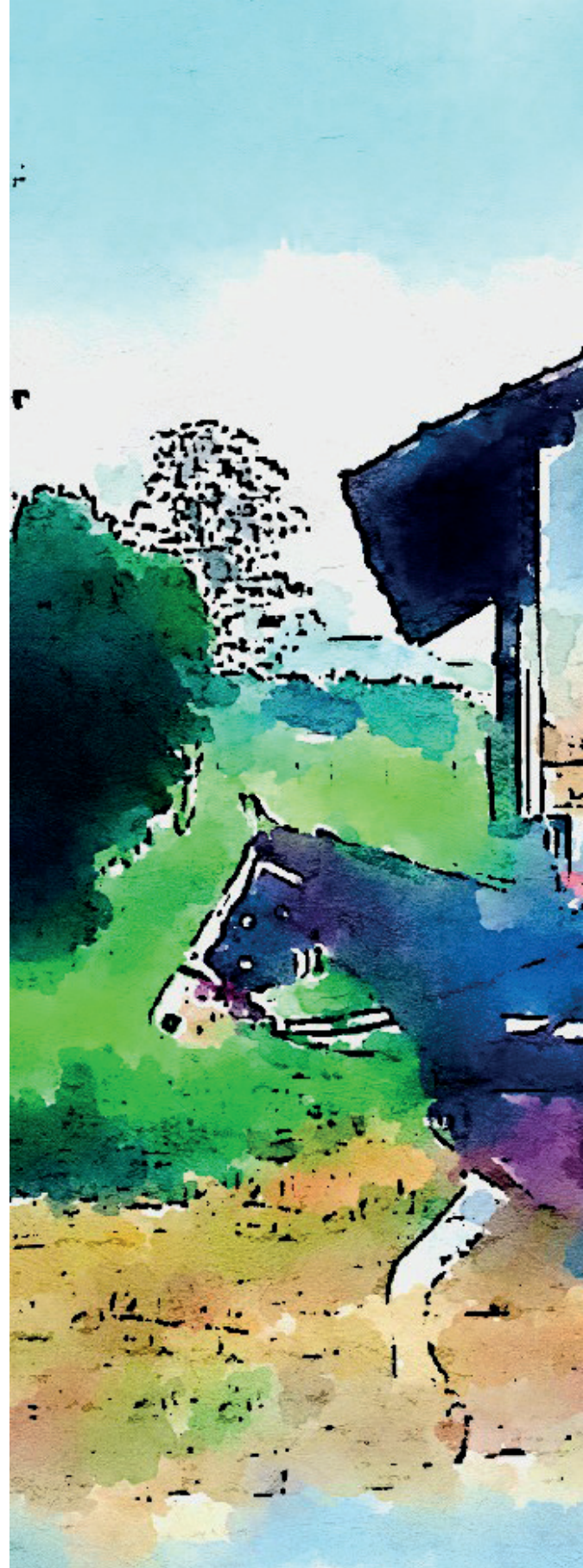
Lucrécia viajava feliz, ouvindo as histórias do senhor Bartolomeu, aquele velhinho bondoso que resolveu dar carona para ela. A carroça era dura, mas ela logo ajeitou um pedaço de colchão velho para sentar em cima e seguir estrada.

- É uma escola que fica dentro de um barracão Lucrécia?

- Isso tio Bartolomeu, lá mesmo. Meus amigos estão lá, tia Conceição também, ela tem um sorriso bem bonito, o senhor a conhece?

- Já catei entulhos lá uma vez, estamos próximos.

Logo Lucrécia reconheceu a estrada, as árvores, até a sujeira das ruas que tanto caminhou para chegar no barracão. Seu coração estava feliz, tão contente que mal cabia dentro do peito. Batia forte. E o grande momento havia chegado, já podia ver o barraco cheio de buracos que tanto saltou o portão para entrar. No quintal estavam todos, fazendo alguma coisa.





- Pare a carroça, tio Bartolomeu. É aqui.

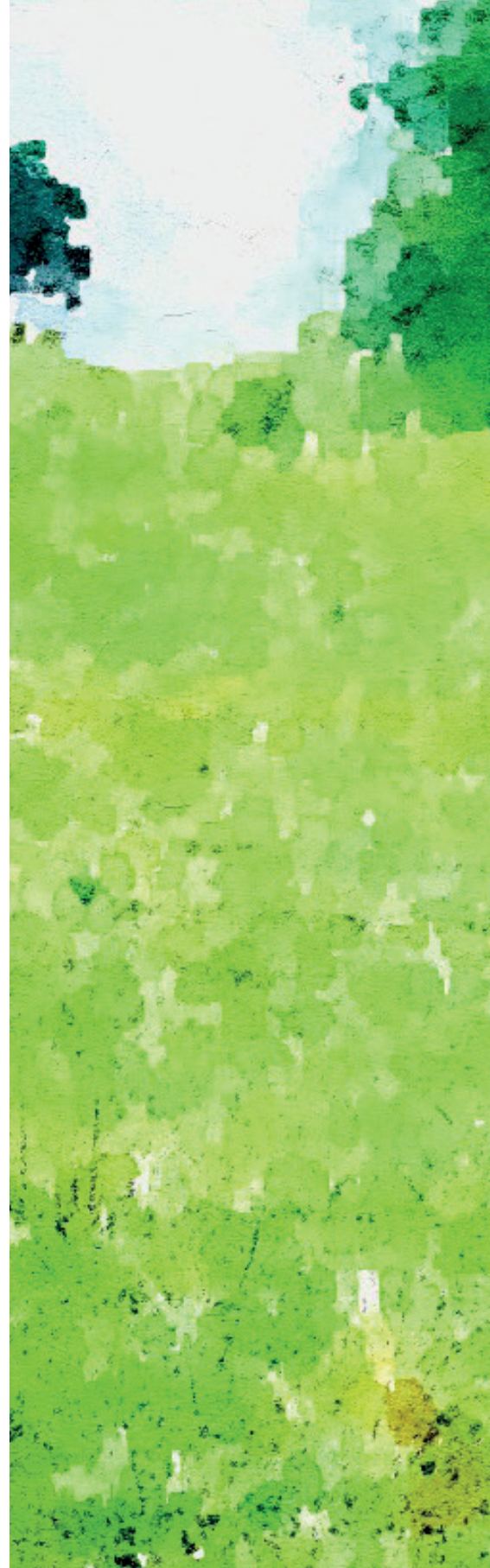
- Adeus, menina. Cuide-se!

Lucrécia deu um enorme abraço nele e correu em direção à sua felicidade. Sentiria saudade da carroça balançando e das histórias engraçadas do tio Bartolomeu, mas finalmente havia encontrado o lugar que a fazia feliz de verdade.

Lucrécia sentia-se feliz e leve. Não sabia o que o futuro reservava, mas o coração estava em paz em ter conseguido sair da casa da Mafalda. Também não sabe o porquê da porta aberta no momento em que conseguiu fugir. Compreendeu que não deixaram apenas uma porta aberta, abriram a porta da sua felicidade e liberdade. Aquela saudade ela não gostaria de sentir mais. Agora estava nos braços da paz.

- Maria da Conceição, que saudade. Tenho tantas coisas para te contar!

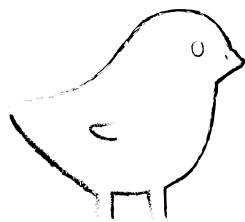
- Menina, você está viva! Disse Maria correndo para abraçar Lucrécia, aos prantos. Todas as crianças correram em direção as duas e as abraçaram.





Toda criança tem direito;

A amar, comer, calçar chinelos, carregar um simples caderno para a escola e ter o mínimo de dignidade possível que a possibilite sonhar e se sentir motivada a lutar por seus ideais. Toda criança tem direito de receber abraços amorosos e ter a liberdade de ir e vir, construir seu próprio mundo através de suas experiências. Toda criança tem direito de brincar, de aprender, a ler e a escrever...





POSFÁCIO

A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais, garantidos na Constituição e nas leis, assim assegura o artigo 15 da Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Sendo assim, o Estatuto tornou claras as normas, reforçando que a criança e o adolescente têm o direito de serem educados e cuidados sem a utilização de castigo físico ou de tratamento cruel, como forma de correção, disciplina ou sob qualquer outro pretexto, pelos pais, integrantes da família ou responsáveis.

No entanto, no setor rural e nas cidades do interior e de menos acesso, um dos desafios é desfazer a crença estabelecida de que os filhos menores precisam aprender desde cedo a trabalhar. Ainda é necessário a conscientização de que lugar de crianças e adolescentes é na escola. Embora, a violência contra crianças e adolescentes ocorra em todas as classes sociais, culturais, raças e credos, sendo as mais conhecidas: física, psíquica, sexual, negligência ou omissão do cuidar.

Assim como o Estatuto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), estabelece em seu artigo 4º, que ninguém será mantido em escravidão ou sem servidão, sendo proibido sob todas as formas.

Visto isso, todo cidadão tem o dever de garantir à criança e ao adolescente uma vida livre da violência. Encaminhe, acompanhe e notifique. Você também pode ajudar a combater a violência infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lei nº 8.068 de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente;

Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) - Resolução 217 A da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Advogada Glayde Menezes, OAB/SP Nº 477833

SOBRE A AUTORA

Leitora ávida, apaixonada por histórias, contos e biografias. Formou-se em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília e logo após se especializou em Gestão Educacional. Em 2010 participou do Seminário Internacional sobre Resiliência e Histórias de Vida pela PUCRS, no qual apresentou um Estudo de Caso sobre a temática, levando posteriormente o artigo até a Universidade Federal Fluminense, que também aprovou e apresentou em seminário. Ex-atleta de remo, duas vezes campeã brasiliense em sua modalidade e também apaixonada pela prática esportiva. Atualmente desempenhando o papel mais desafiador e grandioso da vida feminina: a maternidade. Mamãe solo do Raviv, um lindo garoto erudito.



Handwritten text on a small note pinned to the wall. The text is partially obscured but appears to be a list or set of instructions in a non-English script.

ISBN: 978-65-84854-08-6



BR

9 786584 854086

